

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman
Márcia Cristina Maesso
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato
Ana Giulia de Araújo Conte
Aline Vidal Varela
Muriel Romeiro da Costa e Silva
Alessandra Carvalho Vieira da Silva
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira
Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman
Márcia Cristina Maesso
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato
Ana Giulia de Araújo Conte
Aline Vidal Varela
Muriel Romeiro da Costa e Silva
Alessandra Carvalho Vieira da Silva
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral : Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial : Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão : Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design : Cláudia Barbosa Dias
Revisão : Lara Andressa da Silva Carvalho
Diagramação : Lislayne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

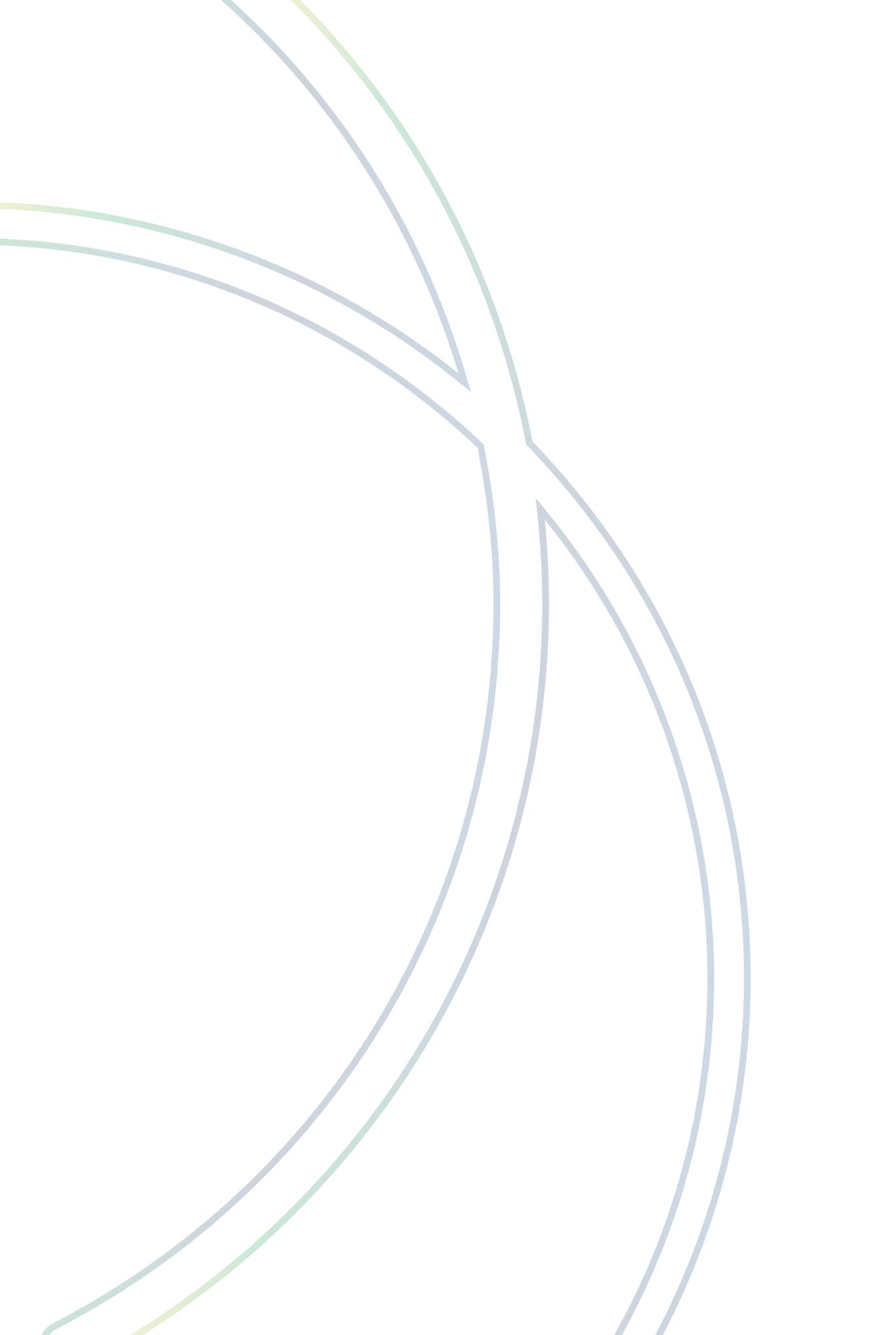
I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :
subjetivações e cultura / (organizadores)
Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :
Editora Universidade de Brasília, 2024.
218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-067-1.

1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2

Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.



Sumário

Apresentação 11

Prefácio 13

Miriam Debieux Rosa

Parte I

Psicanálise e parentalidade

Psicanálise e maternidade 21

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

Parentalidade contemporânea 33

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

Parte II

Psicanálise e relações raciais

Cabelo crespo e pele escura 47

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

Violência, trauma e memória 57

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

O racismo estrutural na transmissão psíquica 69

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

Parte III

Psicanálise, arte, literatura e cultura

Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

Parte IV

Psicanálise e trabalho feminino

Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

Parte V

Psicanálise extramuros/ políticas públicas

Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso

Até o osso 159

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

Parentalidade e saúde pública 173

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

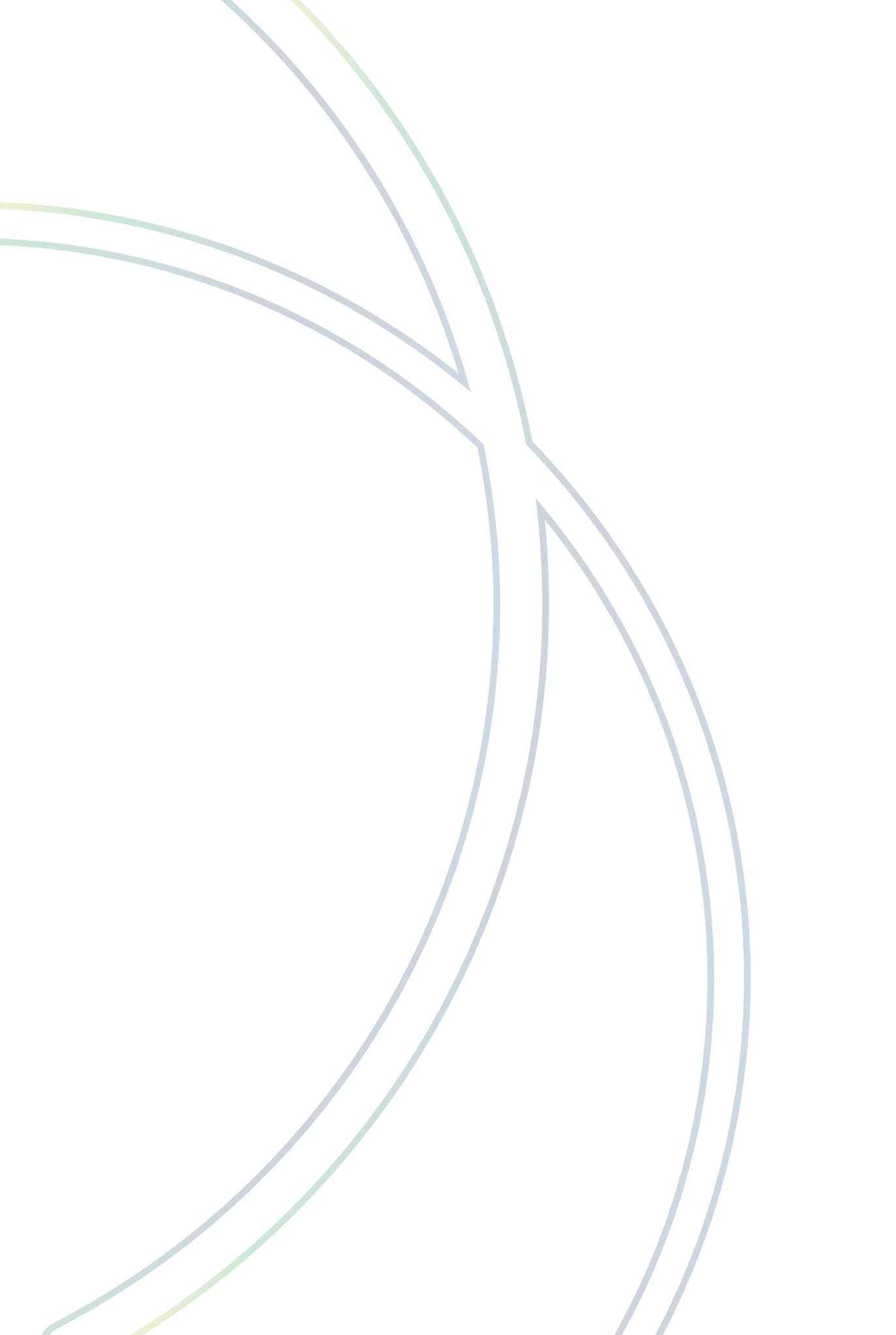
A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela,
Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

Sobre os autores e organizadores 211



Apresentação



A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

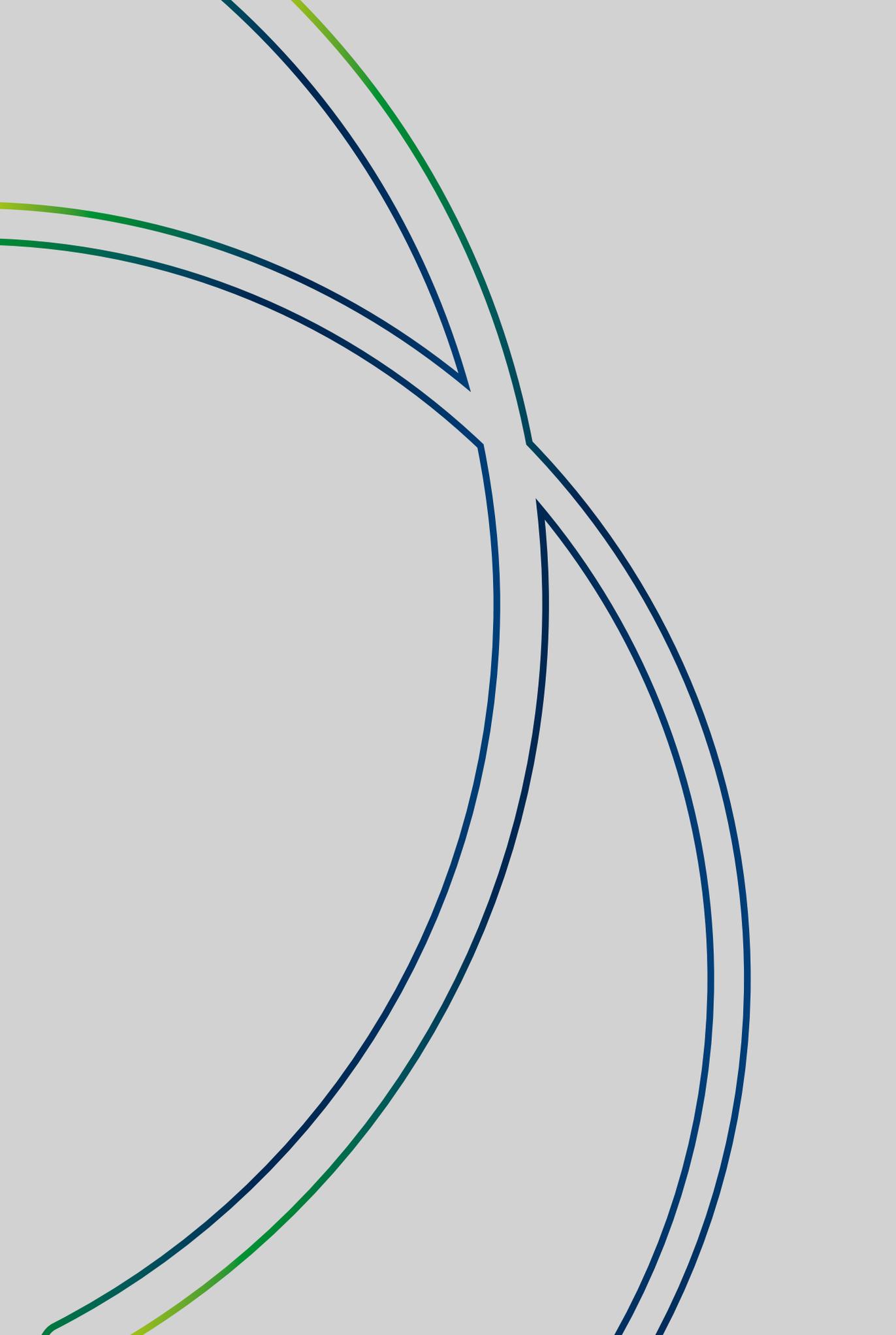
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

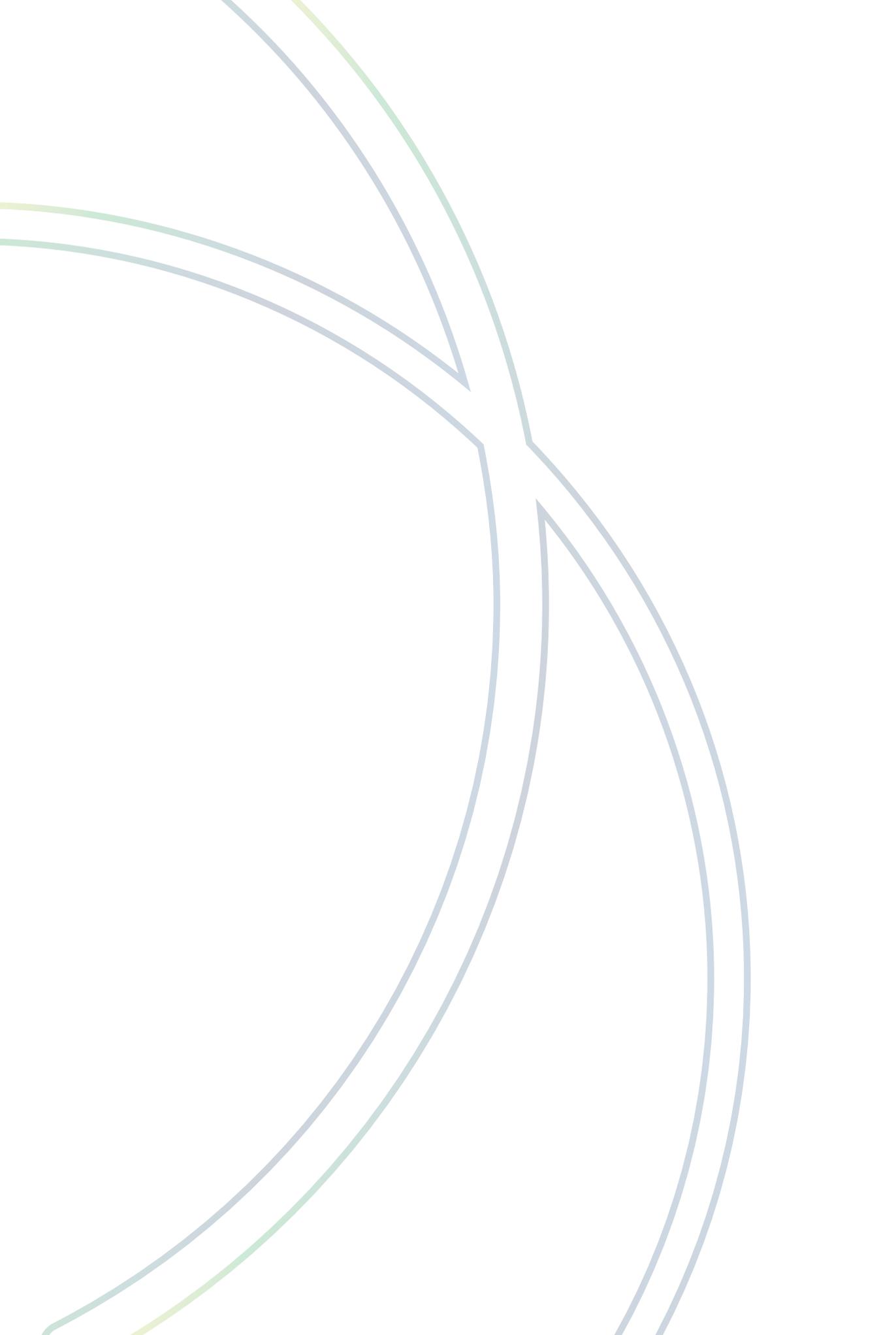
5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



Psicanálise e relações raciais

Parte II



Cabelo crespo e pele escura

O discurso racista e o sofrimento psíquico

Melissa Souza Silva
Lara Gabriella Alves dos Santos
Vítor Luiz Neto
Elzilaine Domingues Mendes
Márcia Cristina Maesso

O presente trabalho tem como escopo principal a compreensão do racismo como um processo histórico que verte em configurações as quais chegaram até os dias atuais com consequências materiais-subjetivas para as pessoas negras. O objetivo geral é analisar a relação entre o racismo brasileiro e a produção de sofrimento psíquico nos sujeitos negros. Como proposta específica, visa compreender o papel da branquitude como ideal cultural na constituição da diferenciação e exclusão da negritude, bem como tal ideal articula possíveis formas de sofrimento dos sujeitos negros para com seus corpos.

Introdução: o racismo como herança

*Negro drama/Eu sei quem trama/ E quem 'tá comigo/
O trauma que eu carrego/ Pra não ser mais um preto fodido.
(Negro Drama, Racionais MC's)*

Por mais que este trabalho não se proponha a trabalhar a relação entre arte e Psicanálise, a escolha da letra da música como inspiração inicial não se dá sem motivos. O Rap e a Psicanálise caminham juntos quando a questão é o reconhecimento de conflitos. Ambos atravessam o sofrimento humano por meio da linguagem, visando novos significados para uma história. O Rap denuncia a violência e o racismo presentes na sociedade brasileira. Já a Psicanálise reconhece o conflito de um sujeito do inconsciente, dividido na relação com sua cultura. Tanto a arte quanto a Psicanálise se fazem lugares

de testemunho de sofrimentos e nomeações do mal-estar. A escolha do Rap enquanto ferramenta de ilustração se deve à dificuldade de construir uma narrativa dos sofrimentos e adoecimentos provenientes do racismo.

O racismo contra negros é responsável por uma violência feroz que teve início na desapropriação dos povos africanos de seus países de origem. Faz-se importante apontar que tal violência gerou sofrimentos que atravessaram muitas gerações. A ideologia da escravidão retirou dos povos negros o direito aos seus corpos, subjugando-os as piores barbáries. A demonização do cabelo crespo e da pele escura por parte dos brancos europeus determinou um lugar de dor aos negros. Para Freud, “na vida psíquica nada que uma vez se formou pode acabar [...] tudo é preservado de alguma maneira e pode ser trazido à luz em circunstâncias adequadas” (2010 [1930], p. 20-21). Podendo-se pensar que, uma vez formulada uma condição histórica de inferioridade, ela continua na vida psíquica como ecos do processo de escravidão.

Os negros continuam a enfrentar esses ecos, pois a abolição não garantiu de fato direitos à população que acabava de ser liberta. Não houve por parte da sociedade grandes formas de reparação e reconhecimento da violência cometida, pois reconhecer tal violência é assumi-la. Tais ecos atravessam de forma violenta os seus corpos, uma vez que naquele que carrega a pele escura, é depositado o preconceito de uma sociedade inteira. Desse modo, questionamos se o nascer dentro de uma história de exclusão, que violenta a história de todo um povo, provocaria no sujeito alguma forma de nomeação do sofrimento psíquico.

É através do corpo que se vive e morre, e o viver do negro, a partir dessas relações com a sua inscrição corporal, pode ser traumática devido aos significados que essas marcas corporais representam na sociedade: corpo inadequado, sujo, rebelde, delinquente, armado, perigoso e objeto de satisfação, seja sexual ou de trabalho braçal.

É mediante essas nomeações agressivas que os negros vão construindo sua subjetividade desde a infância. Assim, pensamos que o sujeito negro não consegue reconhecer o seu Eu, pois a sua delimitação do Eu frente ao mundo externo é mais problemática, uma vez que sua existência é motivo de repulsa à sociedade.

A patologia nos apresenta um grande número de estados em que a delimitação do Eu ante o mundo externo se torna problemática, ou os limites são traçados incorretamente; casos em que partes do próprio corpo, e componentes da própria vida psíquica, percepções, pensamentos, afetos, nos surgem como alheios e não pertencentes ao Eu; outros, em que se atribui ao mundo externo o que evidentemente surgiu no Eu e deveria ser reconhecido por ele. Logo, também o sentimento do Eu está sujeito a transtornos, e as fronteiras do Eu não são permanentes (Freud, 2010 [1930], p. 17).

Com isso, constata-se que também se adoce por meio do corpo, uma vez que depende do mundo externo para partir da nomeação do seu Eu, ou seja, dependendo de uma transmissão cultural que lhe agregue valor ou desvalor. Dessa maneira, até que ponto essas

marcas corporais e históricas afetam o sujeito e ainda determinam tanto seu processo de subjetivação como seu lugar na sociedade?

Segundo o site O Globo, na reportagem *Atlas da Violência 2018: Brasil tem taxa de homicídio 30 vezes maior do que Europa*, em 2016 o Brasil registrou o maior número de homicídios da história, atingindo 62.517 mortos, sendo 71,5% pretos e pardos, o que aponta que os alvos de violência parecem ter cor. Entende-se que o racismo ainda é presente no cotidiano e, mesmo quando não percebido, altera as vidas negras. Do mesmo modo é um mantenedor de desigualdades a partir da violência ou da ausência de políticas públicas que incentivem e assegurem a emancipação desses corpos.

Sendo assim, faz-se necessário e justificável construir um debate que apresente a constituição do sujeito negro, mas não como uma característica inata, movimento essencial para não se naturalizar qualquer ideologia dominante que violenta ou que confirme incapacidades. Partindo, então, dessa perspectiva de formação do sujeito, este trabalho visa demonstrar que o racismo é produtor de sofrimento psíquico.

O sofrimento psíquico como herança

Cê diz que moleque de rua rouba/ O governo, a polícia, no Brasil quem não rouba?/ Ele só não tem diploma pra roubar/ Ele não esconde atrás de uma farda suja/ É tudo uma questão de reflexão irmão/ É uma questão de pensar/ A polícia sempre dá o mau exemplo/ Lava a minha rua de sangue, leva o ódio pra dentro/ Pra dentro de cada canto da cidade.
(O Mágico de Oz, Racionais MC'S)

Segundo Kon (2017), no intervalo histórico de 1531 a 1855, aproximadamente quatro milhões de pessoas negras foram tornadas escravas no Brasil, processo que se apresenta como um dos maiores genocídios da humanidade. Após a abolição da escravatura, o sujeito negro enfrentou outras formas de exploração e violência, uma vez que a ele não foram dadas as oportunidades para uma inclusão socioeconômica. Ainda hoje, as condições do processo de escravidão, bem como de práticas políticas e econômicas de exploração “configuram nossas relações de mando e servidão, privilégios e prejuízos, oportunidade e segregação, riqueza e miséria e que, naturalizadas e negadas pela dita (e desvirtuada) cordialidade corrupta brasileira” (Kon, 2017, p. 23). Falar a respeito da discriminação socioeconômica é falar das consequências subjetivas deixadas pelo racismo.

Exclusão social não se refere somente ao aspecto do desamparo econômico ou material, também apresenta uma face que se relaciona ao desenvolvimento psíquico, mais precisamente na economia psíquica. Segundo Farias (2018), a ameaça é uma marca e se apresenta constante na constituição psicológica da pessoa negra. Esse aspecto é uma derivação de uma ruptura do pacto social constituído pelo balanceamento pulsional, que vai constituir a vida social e a articulação do sujeito nela. Nesse processo, relativo à economia pulsional,

o recalçamento se apresenta na maneira de redirecionar a pulsão de uma possibilidade de ameaça e angústia para a possibilidade de vivência de prazer e proteção. No que tange o racismo, a ruptura do pacto acontece quando há legitimação da possibilidade da violência primitiva sobre pessoas negras definindo um regime de exclusão e ameaça. As estruturas de uma sociedade, como a brasileira, afirmam espaços simbólicos – onde a renúncia à violência primitiva e irracional não se realiza. Assim, a ameaça é vivenciada como presença constante na constituição narcísica da pessoa negra (Araújo, 2021, p. 97).

Dada a importância de compreender o lugar do preconceito no Brasil, Munanga (2017) denuncia o modo de pensar contraditório do brasileiro que não se reconhece racista. Na verdade, há o reconhecimento dos preconceitos, mas não reconhece que reproduzem o preconceito racial. O brasileiro não se reconhece enquanto sujeito que machuca o outro.

Tal afirmação também é apresentada por Barros (2013), indicando que, na tentativa de negação do racismo, os sujeitos recalçam seus preconceitos, negam aquilo que lhe é insuportável admitir, e após esse processo de recalçamento é que o sujeito encontrará uma forma de se expressar e agir no mundo, ou seja, um modo de reconhecimento das violências do racismo, mas negando sua existência.

Freud acrescenta que este processo de aceitar ou negar também se atrela a um processo de “julgamento intelectual”, pois a maneira como o sujeito percebe o mundo e vivencia as situações depende daquilo que foi recalçado. Em outras palavras, ao passo que o sujeito recalca, reprime ou exclui o que lhe é insuportável, estrutura-se de maneira tal que tudo isto se atrela, para ele, à própria constituição da realidade, de sua apreciação do dentro e do fora (Barros, 2013, p. 123).

Munanga (2017) afirma que o preconceito se reformulou em paralelo às mudanças sociais. Há os preconceitos e novas formas de negá-los, o brasileiro sempre escapa da responsabilização do seu racismo. É uma peculiaridade do racismo à brasileira, que se esconde atrás do mito da miscigenação popular e de que “somos todos iguais”.

Já no que tange a imagem do país, para Araújo (2021) ela foi construída a partir de configurações históricas e sociais que exaltam com orgulho a suposta formação diversa da cultura brasileira. Essa percepção trabalha a ilusão de que todas as formas de culturas, dentro dessa diversidade, são valorizadas com a mesma importância, numa só “brasilidade”. De certa maneira, dizer o contrário ou pensar em uma hierarquia das raças seria uma ofensa à “identidade nacional”.

Ao passo que esses ideais foram se amalgamando nas relações culturais, as práticas coloniais de violência começaram a ser consideradas como eventos passados, que outrora fizeram parte da formação da sociedade brasileira. Para a construção de um país baseado no ideal da miscigenação e da convivência harmoniosa entre as raças, não há espaço para se pensar em ressentimentos do passado, cabendo ao racismo o caminho do esquecimento, sem deixar de ser uma prática comum (Araújo, 2021).

Nesse sentido, falar dos resultados da violência do racismo é falar do desejo de “se miscigenar”, da destruição interna que emerge com a necessidade de mudar a imagem exterior. A ideologia do branqueamento camufla a violência do indivíduo negro para com a sua própria carne, uma vez que o racismo impede o reconhecimento de si e do próprio corpo. Os negros precisam se adequar para não serem assassinados, tal adequação vem do ideal de serem brancos.

Uma consequência da cultura moderna ocidental que se baseia numa percepção de impermeabilidade da pele negra, num sentido de contextos e práticas de exploração e violências que esvaziam essa corporeidade e a reduzem a uma condição objetificante, como pontua Araújo (2021). O autor ainda resgata Stephens (2014) para compreender que, a partir de um regime de diferenciação entre a noção de peles, no contexto racial, retira-se a pele negra da condição de permeabilidade, de troca intersubjetiva, para um lugar de enrijecimento, de um sujeito encapsulado no próprio corpo, numa pele dura.

Segundo Freud (2010 [1930]), o Eu é um Eu corporal, o sujeito não é simplesmente uma entidade da superfície, mas o reflexo da projeção do Eu nessa superfície. Logo, a subjetividade é constituída a partir da relação que o Eu cria com o seu próprio corpo. A relação que o indivíduo tem com o corpo é a de satisfação das pulsões e, portanto, esse corpo deve ser pensado e vivido como fonte de prazer, mas torna-se algo perseguido quando isso não acontece, odiado e visto como fonte de ameaça. “Do mesmo modo que a satisfação de instintos é felicidade, torna-se causa de muito sofrer se o mundo exterior nos deixa à míngua, recusando-se a nos saciar as carências” (Freud, 2010 [1930], p. 34).

Araújo (2021) cita Seshadri-Crooks (2002) para defender a ideia de que as dimensões da identidade racial e seus desdobramentos pertencem não apenas a uma identificação imaginária, mas para um processo simbólico, que se constitui no discurso e na cultura. As questões de raça, assim como suas formas de sofrimento, precisam ser entendidas como um fenômeno simbólico, para além do caminho inicial da organização do Eu e ou da percepção da imagem corporal.

Sendo o regime racial inscrito na linguagem, é, então, apreendido sob o julgo do significante. O sistema de racialização se organiza num regime de visibilidade montado em função da branquitude (*whiteness*), que se impõe como significante-mestre (S1) desse regime. Definida como significante-mestre, a branquitude se estrutura como fantasia de completude e unidade. O delineamento firmado a partir do significante branquitude define a manutenção de estrutura organizada em função da diferença. A afirmação desse regime de diferença se torna importante, pois vai firmar uma promessa de igualdade (*sameness*) (Araújo, 2021, p. 86).

Introduzir o debate da questão racial na ordem significante, nas relações com o significante-mestre da branquitude, faz pensar o sujeito nomeado sob essa lógica. A branquitude, então, “implica um processo de constituição própria de visibilidade do corpo sobre o impacto da racialização e da constituição de sentido sobre marcas corporais” (Araújo, 2021, p. 87).

Sendo assim, faz-se necessário construir um debate que apresente a constituição do indivíduo negro, não como uma característica inata, para não se naturalizar qualquer ideologia dominante que violente ou que confirme incapacidades. É importante ter um olhar crítico a respeito das diferenças desses corpos para compreender que a negritude ocupa um lugar social simbólico e para dar voz aos sofrimentos e adoecimentos psíquicos que esse lugar provoca.

Com isso, pode-se dizer que o Eu negro, na tentativa de subjetivação com o ideal de um sujeito branco, tenta modificar o seu fenótipo, aproximando-se de um ideal aceito e valorizado: cabelo liso, nariz finos, pele mais clara. As características afrodescendentes são consideradas de menor valor, os traços físicos enaltecidos são os brancos. Assim, a subjetividade negra é formada dentro de um discurso de discriminação, exclusão e negação.

Os preconceitos e discriminações enfrentados pelos negros se instauram como violência, pois, na tentativa de se construírem e se identificarem na condição de sujeitos, eles se agridem e se afastam cada vez mais do real de sua imagem corporal. O próprio corpo será violentado e, ainda assim, não ocorrerá a identificação com os corpos brancos nem com o próprio corpo. “O negro, no desejo de embranquecer, deseja, nada mais, nada menos, que a própria extinção. Seu projeto é o de, no futuro, deixar de existir” (Costa, 1985, p. 107).

Nesse modo de organização dessa intersubjetividade, a exclusão é vivenciada como processos traumáticos na psique, centrada na presença de uma tensão patológica em relação ao Eu, que culmina na limitação do alcance do campo de possibilidade de ação na esfera social. Farias (2018) observa que há a predominância de uma angústia de morte e de aniquilação mais do que de castração. Sobre essa dinâmica, analisa que o racismo pode ser encaixado na ordem da experiência traumática, caracterizado pelo “empobrecimento das possibilidades de existência, o empobrecimento dos destinos possíveis para o pulsional” (Farias, 2018, p. 107 *apud* Araújo, 2021, p. 97).

O mecanismo de violência, segundo Freud (2010 [1921]), parece ser uma condição da formação das massas e da cultura humana. Apesar das pequenas diferenças dentro das massas, é fácil ligar um grupo por meio de um amor em comum, amor este que justifica as violências para com outros grupos. Tal amor atuará na manutenção da superioridade de certos sujeitos, contribuindo para a atualização do sintoma coletivo, aqui, pensado como preconceitos e discriminações por meios de discursos racistas. Ao falar de violência se configura a imagem de um desejo de destruição da própria massa, ou seja, de grupos que se diferem de certos ideais coletivos.

Podemos ir além e afirmar que a violência social não é um dado natural, é uma construção a serviço das necessidades de autoconservação dos grupos. Volto a afirmar: os grupos, com sua escala de valores, sua definição do que é ser bom ou ser mau, geram com-paixões amorosas e odiosas, ou seja, criam vias para a expressão de amor, mas também da agressividade, a fim de fortalecer seus laços internos (Vannuchi, 2017, p. 61).

Dado isso, a branquitude que se organizou para ter os seus privilégios, não reconhece que os sujeitos negros e de outras cores merecem um espaço de dignidade e equidade dentro da sociedade ocidental que alega ser civilizada. Com essa atitude há a negação de um racismo que passa a ser cada vez mais violento, pois, na medida em que é negado, as pessoas negras não conseguem verbalizar suas dores frente a crueldade de ter um corpo subjugado.

As rejeições às marcas corporais das pessoas negras atravessam todo o processo de subjetivação da negritude, produzindo impactos significativos nos processos constituintes de um Eu nas suas relações sociais e afetivas. O sujeito negro, ao tentar compreender o que lhe falta para ser aceito dentro do imaginário social, precisa bancar não só o enigma da morte de um corpo que envelhece a cada dia, mas também o questionamento de que corpo é esse e de qual forma esse corpo de pele escura, cabelos crespos e narinas largas pode vir a ser tomado como um corpo que pode ser vivido. “Trata-se de marcas arbitrárias, corporais. Nessa perspectiva, a forma do corpo, a cor da pele e a textura do cabelo, como marcações, vão ocupar o lugar de desejo; numa condição similar ao objeto a” (Araújo, 2021, p. 87).

No texto *Luto e melancolia* (Freud, 2013 [1915]), é apresentada a questão de que uma pessoa em luto experimenta com a perda do objeto a perda do seu Eu: “vemos que o Ego se degrada se enfurece contra si mesmo” (p. 45). A partir desse excesso de perdas, o Eu tenta se reorganizar com as partes que restam; o processo de simbolização dessa história se configura como traumático.

Na dificuldade de elaboração de tais perdas, o corpo passa a ser um lugar degradado que é passível de violências variadas. As violências são acompanhadas da expectativa de manter-se vivo e pertencente a esta sociedade. Tal movimento causa um grande sofrimento psíquico, afinal, para que o negro faça parte da sociedade, é necessário que grande parte de suas características estejam mortas.

Freud (2013 [1915], p. 32) afirma que “o luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.”. Assim sendo, é importante considerar que a constituição da sociedade negra brasileira foi construída a partir de muitas perdas. O luto exige um trabalho de elaboração psíquica, a melancolia é o resultado de um luto mal elaborado. Para que essa elaboração aconteça é importante não negar a existência das perdas e oferecer às pessoas um espaço para que possam falar do que perderam, mesmo que essa perda ainda seja inenarrável.

Os sequestros do período da escravidão provocaram grande melancolia ao povo expatriado dos seus países da África. Eles sabiam que perderam muitas coisas, mas não sabiam o porquê, nem mesmo tinham as suas perdas reconhecidas.

Invariavelmente, os narradores atribuíam o desejo de morrer a uma enfermidade melancólica, relacionada a fatores indissociáveis da situação de cativo: o desgosto causado pelo afastamento violento da África, a revolta decorrente da perda da liberdade e as reações aos pesados e injustos castigos (Oda, 2008, p. 737).

Tal melancolia foi denominada “banzo” por Clóvis de Moura, em 2004, no *Dicionário da escravidão negra no Brasil*, segundo Oda (2008). A palavra significa grande desilusão e apatia, uma depressão psicológica e um estado de nostalgia, que acometia os africanos assim que pisavam nos solos estrangeiros. Quando não provocam suas próprias mortes, há registros de que “enlouqueciam” de tanto sofrimento.

O banzo pode ter sido utilizado para nomear o luto de outrora: excesso de perdas que não foram elaboradas, perdas da liberdade, da pátria, dos familiares que ficaram na terra natal, dos sonhos e expectativas em relação ao futuro, das possibilidades de reconstrução de uma vida digna. A vivência desse excesso é traumática e inominável. Um excesso que dificulta a elaboração dos lutos.

Considerações finais

Mesmo que a ciência já tenha abandonado a ideia discriminatória de raça nas suas discussões, a sociedade ainda reutiliza essa crença no seu modelo de organização, nas profissões que as pessoas irão ocupar, nas certidões de nascimento, de casamento e de óbito, no processo eleitoral, na música, na arte etc.

Na tentativa vã de negação do racismo, as pessoas sempre encontram formas de citarem um negro que tenha alcançado destaque em uma atividade para normalizar a exceção, afinal, querem normalizar a regra: a raça ainda é um componente primordial na manutenção de desigualdades.

Apesar de ser um tema urgente, o racismo carrega consigo a ambiguidade: é um tema antigo, mas pouco trabalhado no presente. Percebemos as necessidades de expansão da temática dentro e fora das Universidades, pois embora o número de pessoas negras nesses ambientes tenha crescido, o espaço de discussão dos impactos do racismo é muito pequeno.

Nas pessoas negras, o sofrimento psíquico não é perpassado apenas pelas desigualdades acentuadas pelo capitalismo, mas também por não conseguirem suportar o peso das suas peles. O que pode ser constatado no trecho do texto de Lima Barreto ao dizer que por não suportar o peso de sua cor, bebe: “não posso suportá-la, é meu pesadelo, é minha angústia. Tenho por ela um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha” (Barreto, 1956, p. 33).

Ainda há muito para avançar no tema, por isso, reconhece-se que este trabalho não responde todas as dúvidas de temática tão longa. Entretanto, consideramos um pontapé na discussão acerca do fato de que o signo do racismo continua a causar sofrimento, mas ainda há muitos passos para construir novos significantes dentro do ser negro. Importante ressaltar que precisamos falar do racismo e ressignificar a nossa história, uma vez que um povo que não reconhece a sua história está destinado a repeti-la.

Referências

- ARAÚJO, Neurialan de Paula. *Apontamentos de Psicanálise e arte – poéticas visuais negras: recriando o olhar, recriando o toque*, 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARROS, Mariana Leal de. “Não Somos Racistas”: uma contrarreação calcada em “A Negativa” Freudiana. *Psicologia Argumento*, v. 32, n. 77, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19971>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1915). In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Schwarcz, 2013. (Selo Companhia das Letras).
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: *O mal-estar na civilização: novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos*. São Paulo: Schwarcz, 2010. (Selo Companhia das Letras).
- FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. São Paulo: Schwarcz, 2010. (Selo Companhia das Letras).
- IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, Rio de Janeiro, , v. 6, n. 1, p. 115-138, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 mar. 2023.
- KON, Noemi Moritz. *À guisa de apresentação: por uma Psicanálise brasileira*. In: KON, Noemi Moritz.
- SILVA, Maria Lucia da; ABUD, Cristiane Curi. *O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 15-29.
- MUNANGA, Kabengele. *As ambiguidades do racismo à brasileira*. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lucia da; ABUD, Cristiane Curi. *O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 735-761, 2008. (Supl.) Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/XsH4RvsvyCmxJzydsfgTgvKS/>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- RACIONAIS MC’S. Negro Drama. In: *Nada como um dia após o outro dia*. Cosa Nostra, 2000. 1 CD. Faixa 5.

RACIONAIS MC'S. O Mágico de Oz. In: *Sobrevivendo no inferno*. Cosa Nostra, 1997. 1 CD. Faixa 10.

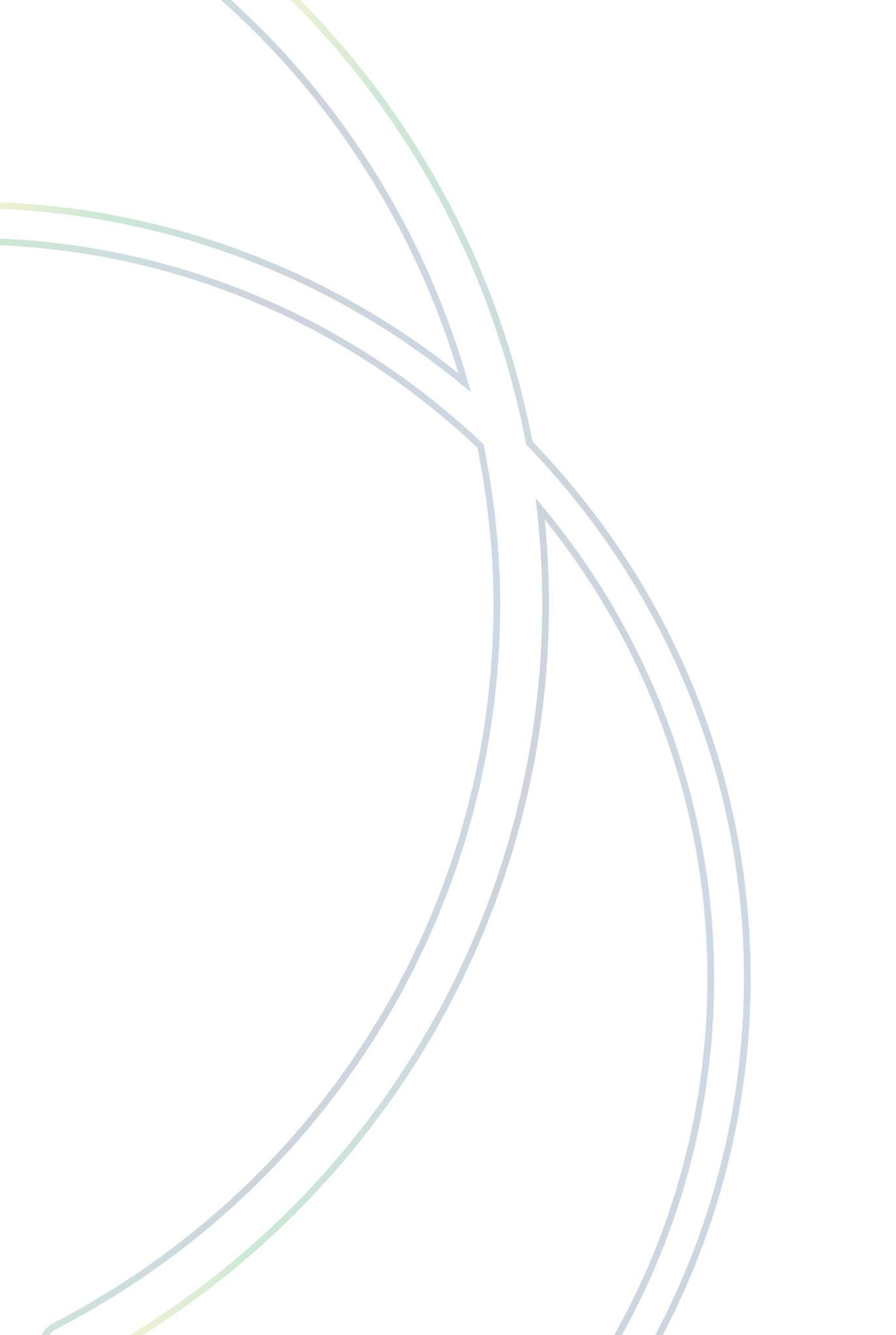
SALGADO, D. In: O Globo. *Atlas da violência 2018*: Brasil tem taxa de homicídio 30 vezes maior do que Europa. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/atlas-da-violencia-2018-brasil-tem-taxa-de-homicidio-30-vezes-maior-do-que-europa-22747176>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SESHADRI-CROOKS, Kalpana. *Desiring whiteness: a Lacanian analysis of race*. Routledge, 2002. In: ARAÚJO, Neurialan de Paula. *Apontamentos de Psicanálise e arte – poéticas visuais negras: recriando o olhar, recriando o toque*. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

STEPHENS, M. A. *Skin acts: race, psychoanalysis, and the black male performer*. Duke University Press, 2014.

TABACOF, H. VANNUCHI, M. B. C. C. Dessemelhanças e preconceitos. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lucia da; ABUD, Cristiane Curi. *O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 45-55.

VANNUCHI, M. B. C. C. A violência nossa de cada dia: o racismo à brasileira. In: *O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 59-70.



Sobre os autores e organizadores

Alessandra Carvalho Vieira da Silva. Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alessandravcs@gmail.com

Alexandre Staerke Vieira de Rezende. Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: alexandre.staerke@gmail.com

Aline Vidal Varela. Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: alinevidalpsi@gmail.com

Alvinan Magno Lopes Catão. Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alvinanmagno@gmail.com

Amanda Soares Dias. Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: diasam.asd@gmail.com

Ana Giulia de Araújo Conte. Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: giulia_conte@hotmail.com

Ana Isabel Pereira. Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: anaisabelpsi@outlook.com

Antônio Trevisan. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

Carla Sabrina Xavier Antloga. Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

Cintia da Silva Lobato Borges. Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato. Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

Daniela Scheinkman Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

Eduardo Ribeiro Vasconcelos. Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo_vasconcelos82@hotmail.com

Eduardo Portela. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista. Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

Elzilaine Domingues Mendes. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine_mendes@ufcat.edu.br

Fabrcio Gonalves Ferreira. Psic3logo. Mestrando do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

Fernanda Guerra Roman N3ufel do Amaral. Psic3loga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Bras3lia (UnB) e p3s-graduanda em Psican3lise com Crianas e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educa3o (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

Guilherme Henderson. Psicanalista. Doutor em Psicologia Cl3nica e Cultura pela Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universit3rio de Bras3lia (UniCEUB). Membro da Associa3o Lacaniana de Bras3lia (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

Hugo Martins Gomes da Silveira. Psic3logo pela Universidade de Bras3lia (UnB). Pesquisador de Percep3o de Qualidade em Presta3o de Servios. Pesquisador de Sa3de Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro. Psic3logo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

Ingrid Fernandes dos Santos. Psic3loga pela Universidade de Bras3lia (UnB). Mestranda em Psicologia Cl3nica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Bras3lia. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

Ingrid Mello Pereira Soti. Psic3loga. Educadora em Diabetes pela Associa3o Nacional de Aten3o ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura na Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa. Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Funda3o Mineira de Educa3o e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psican3lise dos F3runs do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do F3rum do Campo Lacaniano de Bras3lia. Contato: isafane.c@gmail.com

Jean-Michel Vivés. Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa. Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

Joyce Juliana Dias de Avelar. Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

Juliano Moreira Lagoas. Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

Laene Pedro Gama. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

Lara Gabriella Alves dos Santos. Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

Katia Cristina Tarouquella Brasil. Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

Márcia Cristina Maesso. Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com

Marco Antônio Coutinho Jorge. Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

Melissa Souza Silva. Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

Muriel Romeiro da Costa e Silva. Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

Nelson de Abreu Júnior. (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

Patrícia da Cunha Pacheco. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

Renato Palma. Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

Roberto Medina. Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

Samuel Ted Almeida de Pereira. Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

Valéria Brisolara. Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: valeriabrisolara@gmail.com

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: vcbscheunemann@gmail.com

Valéria Machado Rilho. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: valrilho@gmail.com

Vitor Luiz Neto. Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: vitorluiz.neto@gmail.com

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia